



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAROLINE VEIGA GRALIK

**ESPAÇOS DA CRECHE: UMA ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS
PARA OS BEBÊS**

Florianópolis

2014

CAROLINE VEIGA GRALIK

**ESPAÇOS DA CRECHE: UMA ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS
PARA OS BEBÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso-
TCC apresentado ao Curso de
Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito para
obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora
Eloísa Acíres Candal Rocha

Florianópolis

2014

Caroline Veiga Gralik

**ESPAÇOS DA CRECHE: UMA ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS
PARA OS BEBÊS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 02 de julho de 2014.

Prof.^a Dra. Clarícia Otto

Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Dra. Eloísa Acires Candal Rocha
CED- UFSC

Membro: Prof.^a Dra. Kátia Adair Agostinho
CED- UFSC

Membro: Prof.^a Dra. Alessandra Mara Rotta de Oliveira
CED- UFSC

Dedico este estudo a todos os bebês, em especial aqueles que com os seus sutis gestos, falas e olhares apontaram um possível caminho para uma reflexão sobre os espaços e possibilitaram que esta pesquisa acontecesse.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me presenteado com uma família e amigos tão especiais, que ao longo de todos estes anos me apoiaram , estiveram comigo e compreenderam minhas ausências em muitos momentos.

Ao meu pai, que mesmo receoso quanto ao caminho que escolhi, deu todo o suporte que precisava para chegar aqui, a minha mãe e minha avó pelos olhares ao saber da minha escolha, a pequena Victoria que irradia a alegria de ser criança em nossa casa e ao meu avô, que com o seu amor incondicional pelas netas, mesmo não estando mais aqui, continua a permitir que esse amor ilumine nossas vidas.

A professora Márcia Simão, que me orientou no estágio da Educação Infantil, de forma sempre tão amável, possibilitando que a experiência de estar professora de bebês fosse ainda mais especial, pelos incentivos a continuar escrevendo, por todas as contribuições que permitiram também que este estudo acontecesse, a todos os professores que contribuíram nessa caminhada e as profissionais e crianças do G2 da creche que nos receberam com tanta alegria e carinho.

Aos amigos do curso, Verônica, Kathilça, Valquíria e Renata que foram tão importantes nesta caminhada e a Flávia Steinbach com a qual vivi momentos fundamentais na formação acadêmica e na vida e que também me permitiu utilizar os materiais que produzimos juntas durante o estágio para a realização deste estudo.

Por fim, escolhi ser professora pelo desejo de estudar e trabalhar com os bebês, gostaria de deixar aqui meu agradecimento em especial à professora Eloísa Rocha por ter me possibilitado realizar tal desejo, por ter ao longo dos semestres mostrado, com os olhos sempre brilhantes, o que é ser professora de bebês, por ter me guiado neste trabalho, pelos olhares e falas que me fizeram compreender o que de fato é a sutileza e querer que seja esta mesma sutileza que guie a minha docência com as crianças, enfim por ter possibilitado que eu pudesse, embora ainda tenha muito a estudar, aprender sobre o que eu tanto ansiava.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente de escravos do Recife, nos contava. Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.

Manoel de Barros¹

¹ Do livro Memórias Inventadas – A Infância

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo analisar a constituição e a organização dos espaços que são ocupados pelos bebês do G2 (grupo de um a dois anos aproximadamente), em uma instituição de Educação Infantil da rede municipal de educação de Florianópolis, durante o estágio curricular obrigatório na educação infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2013. Caracterizando-se como uma pesquisa bibliográfica e documental e utilizando como metodologia a análise de conteúdos dos registros de observação e relatórios de atuação de forma escrita e das fotografias produzidas durante o estágio curricular. Tal estudo aponta para a necessidade de se pensar em possibilidades educativas para os espaços ocupados pelos bebês na creche, de forma a contemplar suas especificidades e os indicativos oferecidos por eles próprios para o que necessitam e desejam ter no espaço da creche.

Palavras-chave: Educação Infantil. Bebês. Espaço. Possibilidades Educativas. Constituição. Organização.

RESUME

The research presented here aims to analyze the composition and organization of spaces that are occupied by babies in the G2 (group of one to two years approximately), in an institution of Education Playground of municipal education of Florianopolis, during the curricular training required in early childhood education, the Faculty of Education at the Federal University of Santa Catarina, in the year 2013. Characterized as a bibliographic and documentary research methodology and using as a content analysis of observation records and reports of business of writing and photographs produced during the internship curriculum. This study points to the need to think of educational possibilities for the spaces occupied by the babies in the nursery, so the consider their specificities and codes offered by them himself for what they need and want to be in the space of the nursery.

Keywords: Early Childhood Education. Babies. Space. Educational possibilities. Constitution. Organization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA CRECHE: CONCEITOS E NORMAS:	18
3	ESPAÇOS DA CRECHE PARA OS BEBÊS: LUGAR PARA EXPLORAR, BRINCAR, IMAGINAR, CRIAR,ESTAR SÓ E ESTAR JUNTO	26
3.1	BEBÊS QUEREM PRIVACIDADE	28
3.1.1	Bebês também querem espaços e materiais que possibilitem e ampliem suas brincadeiras de faz-de-conta.....	32
3.1.2	Outras possibilidades de elementos educativos no espaço.....	42
3.2	ESPAÇO EXTERNO DA CRECHE:PARQUE	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada visa compreender como o espaço destinado aos bebês de um a dois anos pode ser organizado nas Instituições de Educação Infantil, a fim de se pensar em possibilidades educativas para proporcionar um espaço que atenda as necessidades de cuidados específicos dos bebês e garanta a ampliação e diversificação das suas experiências.

Ao entender a organização do espaço como um elemento que pode enriquecer as relações, as experiências e as aprendizagens dos bebês, como elemento constitutivo da docência com os bebês e como uma das ações do professor de educação infantil, torna-se preciso conhecer o que é proposto pelos documentos oficiais e pelas produções acadêmicas que abordam o espaço da creche e o que está posto em termos de estrutura física e materiais disponibilizados nas instituições.

No decorrer do curso, houve a oportunidade de estudar sobre o espaço, sua importância na prática pedagógica e sobre as possíveis formas de organização destes e, tivemos também a possibilidade de iniciar as reflexões sobre o que seria então um espaço que acolhe, desafia, instiga, convida a experimentar novas situações, novas sensações, convida a se aproximar do outro, que enriquece as experiências das crianças e amplia a sua autonomia em relação ao adulto profissional da creche.

Considerar a organização espacial como um grande elemento educativo na docência com os bebês, é considerar que tudo que compõe este espaço, brinquedos, móveis, decorações dispostas no teto, no chão e os diferentes materiais que podem ser colocados neste espaço são carregados pelos olhares e concepções de quem seleciona o que e como dispor ali, indicam o que se considera ser seguro e apropriado para as crianças que experimentam viver sua infância nestes espaços, indica também o que se considera que os bebês podem fazer. Segundo Schmitt (2011, p.124) *“os espaços nunca são neutros, mesmo os mais cotidianos e habituais de nossa vida. A presença ou ausência de objetos e a forma como são organizados sempre estão comunicando algo sobre e para as pessoas que ali convivem”*.

Até pouco tempo atrás, os bebês eram vistos e definidos pela sua incompletude, pela relação de dependência que estabelecem com o adulto, por tudo aquilo que ainda não poderiam fazer e por sua fragilidade, tão logo nasciam eram enrolados em cueiros que os deixavam praticamente imobilizados porque era preciso “protegê-los” e depois eram levados para o berço que seria o seu lugar até que o chão deixasse de ser um lugar tão perigoso para eles e esta concepção de bebês como sujeitos frágeis e incapazes, por vezes, refletia-se na organização do espaço que era oferecido a eles também nas instituições coletivas de educação, espaços que se caracterizavam pelo atendimento das necessidades básicas de cuidados da criança enquanto os pais trabalhavam.

Assim, durante muitos anos as creches foram locais caracterizados basicamente pelo cuidado, acolhimento e proteção das crianças, enquanto as mães estivessem trabalhando, e não pela grande dimensão educativa destes espaços. Nos dias de hoje, vem tornando-se cada vez mais comum que os bebês comecem a frequentar as instituições de educação infantil logo nos seus primeiros meses de vida, tão logo sua mãe precise voltar a trabalhar, assim, nos deparamos com bebês com poucos meses, que estão começando a conhecer e interpretar o mundo e precisam dos cuidados dos adultos, mas são sim seres competentes, plenamente capazes de agir e sentir o que está ao seu entorno.

Devido a isto e ao reconhecimento da educação infantil como a primeira etapa da educação básica, que tem como função educativa ampliar e diversificar as experiências e conhecimentos das crianças, sustentando-se, com afirmação Rocha (2008, p.2) “*no respeito aos direitos fundamentais das crianças e na garantia de uma formação integral orientada para as diferentes dimensões humanas (linguística, intelectual, expressiva, emocional, corporal, social e cultural)*”, mudanças vem ocorrendo também no que diz respeito à educação dos bebês nos espaços coletivos. E ao reconhecer os bebês como sujeitos competentes, que também tem o direito de viver plenamente o estar na creche, tornam-se necessárias algumas mudanças e a reorganização de alguns aspectos relacionados à docência com os bebês, como o do espaço.

Entendendo, que a constituição destes espaços está relacionada aos elementos que a compõe e a organização com o modo como os móveis e os materiais escolhidos para fazer parte dela são dispostos e que a forma como são constituídos e organizados demonstram o que

se pensa sobre estes bebês e o que se acredita ser importante para que eles conheçam, sintam e explorem, como explica Schmitt (2008,p. 124):

No ato de colocar ou não as crianças nos berços, de disponibilizar ou não objetos à sua altura, de acolher ou não sua presença no espaço, os adultos dizem o que pensam sobre elas e o que esperam de suas relações. De forma não verbal os adultos se posicionam frente aos bebês, acreditando ou não em suas potencialidades comunicativas e relacionais, pela forma como organizam o espaço para elas, e para suas relações com elas.

Assim, com base nestas considerações e para aprofundar os estudos realizados durante a graduação, buscando conhecer, compreender e refletir sobre possibilidades para a constituição e a organização dos espaços educativos para os bebês, selecionamos pesquisas e documentos oficiais que, de alguma forma, abrangem o espaço dos bebês na creche, elencamos alguns possíveis critérios que soam pertinentes para corroborar para a efetivação de um espaço qualificado e analisamos as imagens e registros elaborados durante o estágio curricular a fim de se pensar em possibilidades para a concretização de um espaço que acolha, instigue, alegre, encante e promova as descobertas e experiências dos bebês.

Neste sentido, a pesquisa aqui apresentada propõe-se a uma reflexão sobre o espaço físico utilizado pelos bebês no G2, grupo constituído por 15 bebês de aproximadamente um ano e meio a dois anos, em uma creche pública municipal de Florianópolis, em 2013, no decorrer do estágio curricular obrigatório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através da análise de conteúdos dos registros de observação e relatórios de atuação de forma escrita e fotográfica.

Para tecer tal reflexão, o objeto de estudo serão os registros elaborados pela autora deste trabalho e as fotografias produzidas em conjunto com a outra estagiária e a professora orientadora do estágio, durante a prática do estágio curricular com o G2, tendo como problematização: Quais as possibilidades educativas para a constituição dos espaços utilizados pelos bebês na creche?

Assim, a pesquisa teve como objetivo analisar a constituição e a organização dos espaços que são ocupados pelos bebês do G2 em uma instituição de Educação Infantil pública do município de Florianópolis, durante o estágio na educação infantil, no primeiro semestre de 2013.

Tendo como objetivos específicos identificar possíveis critérios para a constituição dos espaços físicos destinados as crianças na educação infantil, mais delimitadamente, no grupo de um ano e seis meses, em uma instituição de educação infantil da rede municipal de educação de Florianópolis. Buscando também reconhecer como tais indicações efetivam-se analisar formas de ampliar as experiências vividas pelos bebês neste espaço.

JUSTIFICATIVA

Os estudos sobre a docência na educação infantil vêm apontando para a estruturação e organização dos espaços utilizados pelas crianças como um fator de fundamental importância na docência com a educação infantil.

Schmitt (2011, p.25-26) nos explica que os adultos não estão o tempo todo envolvidos com o grupo, pois os bebês necessitam de momentos de atenção individual, entretanto as profissionais organizam o espaço onde eles estão e assim, o espaço representa um terceiro educador, que pela ação consciente ou não do adulto vão marcando nele as suas concepções de crianças, de seu papel e das relações que ali se vivenciam e aponta também que os bebês se relacionam intensamente com os objetos e o espaço organizado pelas profissionais:

ficar olhando um móvel pendurado no teto, sentir a brisa entrando pela janela, tocar o piso e descobrir um barulho ao bater com a mão nele, jogar-se numa almofada e sentir a... sua maciez, encontrar o olhar de outro bebê que está por perto... Esses são eventos irrepetíveis e momentâneos, mas ricamente situados pela ação dos bebês (SCHIMITT, 2011, p. 26).

Assim, quando se fala em espaço para crianças, é preciso estar atento às muitas possibilidades educativas que ele pode proporcionar, aos detalhes e as indicações dadas pelas próprias crianças sobre o que necessitam e gostariam de ter neste espaço.

Concomitantemente a isto, tão importante quanto o papel do adulto profissional na constituição de tais espaços, são as condições arquitetônicas e estruturais que se fazem presentes em nossas creches, as quais podem favorecer e ampliar as possibilidades educativas ou podem dificultar, limitar as experiências das crianças nas instituições.

Forneiro (1998, p.244) aponta que existem elementos que condicionam a organização dos espaços, entre eles estão às próprias condições arquitetônicas da instituição e que nestas, três aspectos tem especial relevância: a idade do edifício, a concepção da escola² em seu conjunto e a localização da sala de aula³.

E, assim, ao iniciar o estágio curricular obrigatório nos vimos experimentando estar professoras de um G2, constituído por 15 bebês de aproximadamente um ano e meio a dois, que nos mostravam a todo instante o seu interesse em explorar todo o espaço a sua volta, que procuravam por cantos para se encontrar com o outro e para transformar em cenários de brincadeiras, que buscavam por elementos e estratégias para compor suas brincadeiras constantemente, resignificando o seu espaço e, assim, nos possibilitaram perceber em suas ações como as reflexões sobre a constituição do espaço para as crianças pequenas são de extrema relevância para se pensar a prática educativa com as crianças na Educação Infantil.

Simultaneamente, nos encontramos em uma instituição com grandes limitações estruturais devido ao fato de estar localizada em um edifício de três andares e o parque da creche estar situado no último andar, na laje.

²Nos estudos de Forneiro é utilizado o termo escola, aqui cabe ressaltar que nesta pesquisa estamos nos referindo à creche e que tais instituições diferenciam-se em relação às funções que assumem, pois como explicita Rocha (1999, p.68-69) “*enquanto a escola tem como sujeito o aluno, e como objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas, através da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas num espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento que entra a escola)*”.

³No caso das salas das instituições de educação infantil opta-se por se utilizar o termo sala de referência na busca por demarcar as diferenças existentes entre estas duas etapas da educação básica.

Localizada no bairro da Trindade, no alto do Morro da Penitenciária, a creche fica situada em frente ao último ponto de ônibus do trajeto e pertencia ao Estado até 2009, quando passou a ser de responsabilidade da prefeitura, no PPP da instituição consta que a comunidade é composta por cerca de 700 famílias com baixa renda, a maioria sustentada por mulheres que trabalham como domésticas e diaristas sem carteira assinada e entre os homens as ocupações mais frequentes são as de pedreiro, vigilante, porteiro e dono de pequenos bares. No que se refere à moradia das famílias as casas têm pouco ou nenhum espaço externo para que possam usufruir. Depois da última parada do ônibus, em frente à creche, o acesso às casas se dá por escadarias ou pequenos caminhos, as casas são bastante próximas uma das outras, além delas há pequenos comércios na própria comunidade geralmente “vendas” e mercadinhos.

A instituição foi fundada em 1985, fruto de uma reivindicação dos moradores a um candidato em época de eleição, como não havia grandes discussões sobre a importância do espaço físico para as crianças, isto não foi motivo de preocupação dos moradores e do governo. Segundo Agostinho (2003, p.39): *“O prédio da instituição de educação infantil revela, em sua materialidade, o projeto educativo, registro das concepções de quem projeta e organiza a educação de crianças pequenas, é ainda esse objeto concreto que a população identifica e dá significado”*.

Também segundo Souza Lima (1995 apud Agostinho, 2003, p.39): *“o traço nunca é um risco: é um material, é uma dimensão, é um custo, é uma resposta a demandas que são concretas num tempo histórico”*, como podemos perceber no caso da construção desta instituição, fundada para atender a necessidade das famílias que dificuldades e tivesse propostas para enriquecer seus espaços, como o parque, esbarrava nas limitações financeiras.

Diante do apresentado, se pergunta então, o que os documentos oficiais vêm apontando como critérios de qualidade dos espaços para educação infantil, especialmente a este grupo, recém-saído do berçário, no qual os bebês possuem uma maior autonomia em relação ao adulto, mas que concomitantemente, as relações de cuidado continuam bastante presentes.

Ao nos depararmos em uma creche onde o acesso ao parque se dá por escadas e está situado na laje, nos questionamos se os critérios de qualidade para os espaços explicitados nos documentos oficiais fazem-se presente, de fato, em nossas creches e nos perguntávamos em

como poderíamos estar propondo novas possibilidades de organizações espaciais para diversificar as experiências proporcionadas para as crianças neste espaço coletivo.

Bezerra (2013) realizou uma pesquisa em uma instituição de educação infantil, da rede municipal de ensino de Florianópolis tendo como objetivo confrontar os critérios de qualidade dos espaços para a educação infantil apresentados nos documentos oficiais e na produção acadêmica recente, com as indicações que as crianças apresentam na sua ocupação, ação e relações. Em seu estudo explicita que no conjunto de trabalhos pesquisados fica destacado que já no projeto arquitetônico é preciso lembrar que este será um espaço a ser utilizado pelas crianças:

De maneira geral, as dezessete pesquisas selecionadas para este estudo destacaram o espaço como essencial para a garantia da qualidade na Educação Infantil. No conjunto destes trabalhos, fica ressaltado que desde o projeto arquitetônico já é possível garantir um espaço planejado para as crianças, altura das janelas, mobiliário e banheiros adaptados às crianças, espaços ao ar livre etc. Ao mesmo tempo, as pesquisas de Silva (2010), Simiano (2010), Gobbato (2011), Martins (2010) e Moura (2009) apontaram a necessidade de organizar esses lugares para acolher as crianças, brinquedos e materiais na altura das crianças, organização de espaços temáticos que favorecem as brincadeiras e a imaginação (BEZERRA, 2013, p.52).

Considerando que as crianças tem o direito de viverem novas experiências, de ter acesso a espaços educativos pensados para elas na instituição de educação infantil, de ampliar os seus olhares e suas significações sobre o mundo e, que a função educativa desta primeira etapa da educação básica é ampliar, diversificar e sistematizar as experiências e conhecimentos das crianças faz-se importante refletir sobre o espaço que está sendo proporcionado as nossas crianças no tempo em que estão na creche, já que é nele, como explica Battini (1982 apud Forneiro 1998, p.231), onde a vida acontece e se desenvolve e, para a criança é:

... o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra ou escuridão, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar ... O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar, é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... (BATTINI 1982 apud FORNEIRO 1998, p.231).

Desta forma, com estas considerações, torna-se importante pensar em espaços acolhedores, que possam aguçar a curiosidade, trazer alegrias e surpresas, desafiar e encorajar desde a mais tenra idade, que promovam o encontro com o outro e com o mundo, que acreditem na potencialidade das nossas crianças e que possam propiciar diversas percepções sobre si e o mundo, contribuindo para a efetivação de uma educação, que vá para além da garantia da proteção e do cuidado.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui apresentada caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa, pois, como explica Minayo (1997, p.21-22) a pesquisa qualitativa se propõe a investigar questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, operando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Minayo (1997, p.24) também explica que:

Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultadas da ação humana objetivada.

Dessa forma, a busca por identificar critérios que corroborem para a concretização de um espaço qualificado para os bebês realizou-se por meio de uma pesquisa qualitativa, utilizando como instrumentos o estudo de documentos oficiais e pesquisas que trouxessem indicadores e critérios pertinentes para esta reflexão sobre os espaços através da análise de conteúdo dos registros escritos e fotográficos produzidos durante o estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina, no primeiro

semestre de 2013, tais registros constituem-se pelas fotografias e relatos escritos sobre as proposições realizadas com o grupo 2, a partir dos indicativos e ações das crianças.

Após o estudo dos documentos oficiais e produções acadêmicas que abordavam sobre o espaço dos bebês na creche, elencou-se alguns possíveis critérios para a constituição e organização dos espaços a fim de qualifica-los e com base nas indicações destes, realizou-se a classificação das fotografias conforme os critérios elencados a fim de compreender as possibilidades educativas para o espaço os bebês, um trabalho difícil de ser realizado , visto que muitas das fotografias apresentavam mais de um critério.

Caracterizando-se assim como uma pesquisa bibliográfica e documental, na medida em que como explicita Fonseca (2002, p.32):

A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas.” E a “pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias....

E nesta pesquisa foram utilizadas ambas as fontes. Feita a análise de documentos oficiais e de pesquisas e dos registros elaborados por meio da escrita e fotografias com o G2, optou-se por elencar alguns critérios que soaram pertinentes para se pensar em possibilidades para a qualificação do espaço interno e externo ocupado pelos bebês, buscando também perceber o que é proposto e o que se concretiza na organização destes espaços.

Após o elencamento dos critérios, foi realizada uma minuciosa observação das fotografias e feita a sua classificação conforme tais critérios buscando identificar nas imagens como estes podem ser percebidos e concretizados no espaço da creche.

2. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA CRECHE: CONCEITOS E NORMAS

Para uma reflexão sobre a constituição do espaço para as crianças nas instituições de educação infantil, se faz necessário também pensarmos sobre quem utiliza estes espaços, sobre como vemos as crianças que vivem nestes espaços uma parte significativa dos seus dias, que experimentam viver sua infância também em um espaço coletivo de educação e qual a função desta etapa da educação básica atualmente.

A Educação Infantil constitui-se como primeira etapa da Educação Básica, desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, de 2006, sendo oferecida em creches para as crianças de zero a três anos e em pré-escolas para as crianças de quatro a seis ⁴ anos de idade e sendo obrigação do Estado ofertá-la para todas as crianças. Tem como função, como explicitam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) cuidar e educar crianças de 0 a 5 anos, respeitando os direitos fundamentais destas e garantindo uma formação integral orientada para as diferentes dimensões humanas: linguística, intelectual, expressiva, emocional, corporal, social e cultural, respeitando os princípios éticos, políticos e estéticos, possibilitando que as crianças possam, por exemplo, aprender a questionar; a ouvir e a se colocar no lugar do outro; participar de situações agradáveis e diversas; aprender e experimentar coisas novas; ter contato com as brincadeiras, com a natureza, outras linguagens e contextos comunicativos; possam estabelecer as interações sociais; buscar soluções e ter suas experiências ampliadas e diversificadas.

Rocha (1999, p.68-69) explica que *as instituições de educação infantil se põem, sobretudo com fins de complementaridade à educação da família, tendo como objeto as relações educativas travadas num espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento em que entra na escola)*. Tem, portanto, uma:

concepção da criança como sujeito social de direitos, um ser completo em si mesmo, que pensa, que se expressa por meio de múltiplas linguagens, que produz cultura e é

⁴A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, de 2006, explicita que na Educação Infantil serão atendidas as crianças de zero a seis anos, no entanto com a implantação do Ensino Fundamental de nove anos, a Educação Infantil passa atender as crianças de 0 a 5 anos.

produzido numa cultura. Rompendo coma visão da criança como um “vir a ser”, firma-se seu direito à infância: as crianças precisam ter garantida a vivência da sua infância no tempo presente. (ROCHA e OSTETTO, 2008, p.104).

Assim, na busca pela concretização de uma educação que respeite os direitos fundamentais das crianças encontramos documentos produzidos pelo Ministério de Educação Brasileiro e pelo Conselho Municipal de Educação de Florianópolis nos quais podemos perceber o reconhecimento do espaço das instituições de educação infantil como elemento para a consolidação de uma pedagogia que busca respeitar e qualificar o tempo vivido pelas crianças dentro das instituições de educação coletiva, como a creche.

Forneiro (1998, p.232) explica que “*o termo espaço refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração*”. E, também que anteriormente, este não era tomado como algo que pudesse ser modificado pelo professor, mas que hoje este é reconhecido como um fator de aprendizagem e que através dos materiais oferecidos, das disposições e estruturas destes podemos deduzir sobre o que está sendo feito e os valores que ali estão sendo considerados, mesmo que de forma implícita.

O documento *Crítérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças* (2009) apresenta uma série de critérios que visam qualificar o atendimento as crianças nas creches, entre eles identificamos aqui os que estão mais especificamente ligados ao espaço.

Tal documento aponta que as crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante, conservado e arrumado, direito a espaços amplos, a salas claras, limpas, ventiladas e que facilitem brincadeiras espontâneas e interativas, tem direito a lugares agradáveis para desenvolver atividades calmas, recostar, descansar e dormir, podem olhar para fora através de janelas mais baixas e transparentes, tem direito a um ambiente tranquilo e agradável para as refeições, que podem correr, pular, saltar em espaços amplos na creche ou nas suas proximidades, podem desenvolver sua força, agilidade e equilíbrio físico nas atividades realizadas em espaços amplos, os bebês tem o direito de engatinhar e a oportunidade de explorar novos ambientes e interagir com outras crianças e adultos, tem o

direito de testar seus passos fora do berço e são reservados espaços livres cobertos para atividades físicas nos dias de chuva.

O referido documento aponta também que nossas crianças têm direito ao contato com a natureza, a ter plantas e canteiros disponíveis, direito ao sol, a brincar com água, areia, pedrinhas, gravetos e outros elementos da natureza, sempre que possível podem passear ao ar livre, tem direito a espaços externos que permitam brincadeiras e podem desde bem pequenas brincar e explorar espaços externos ao ar livre.

Tais critérios auxiliam a refletir sobre os espaços que estão sendo proporcionados em nossas instituições, sobre se de fato as construções físicas das nossas creches possuem condições estruturais que possam garantir a concretização de tais direitos.

Outros documentos produzidos pelo MEC, que apontam para a qualidade dos espaços como fundamentais para garantir o atendimento de qualidade na educação infantil foram identificados por Bezerra (2013): *Subsídios para o Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil* (1998), *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil* (vol. 1 e 2) e *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil* (2009).

Entre eles o documento *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil*, de 2009, também explicita que:

Os ambientes físicos da instituição de educação infantil devem refletir uma concepção de educação e cuidado respeitosa das necessidades de desenvolvimento das crianças, em todos seus aspectos: físico, afetivo, cognitivo, criativo. Espaços internos limpos, bem iluminados e arejados, múltiplas necessidades das crianças e dos adultos que com elas trabalham; espaços externos bem cuidados, com jardim e áreas para brincadeiras e jogos, indicam a atenção ao contato com a natureza e à necessidade das crianças de correr, pular, jogar bola, brincar com areia e água, entre outras atividades.
(BRASIL, 2009, p.50)

Para realizar o seu estudo, Bezerra (2013) selecionou, no documento acima citado, os indicadores relacionados à qualidade para os espaços físicos das instituições de educação infantil, “*indicadores são sinais que revelam aspectos de determinada realidade e que podem qualificar algo*” (BRASIL, 2009, p.15), no caso deste documento os indicadores elaborados visam auxiliar na avaliação e aprimoração do atendimento nas instituições de educação infantil. Exporemos abaixo os indicadores relacionados à qualidade dos espaços físicos a fim

de que estes possam nos auxiliar a refletir sobre o espaço físico utilizado pelas crianças de um a dois anos na creche:

“Espaços e mobiliários que favorecem as experiências das crianças (p. 35) As professoras [...] organizam os ambientes periodicamente?” (p. 38) As professoras organizam o tempo e as atividades de modo a permitir que as crianças brinquem todos os dias, na maior parte do tempo, tanto nas áreas externas quanto internas? (p. 38)

Crianças relacionam-se com o **ambiente natural**. (p. 33) As professoras possibilitam contato e brincadeiras das crianças com **animais e com elementos da natureza** como água, areia, terra, pedras, argila, plantas, folhas e sementes? (p. 41) **Espaços externos** bem cuidados, com jardim, indicam a atenção ao **contato com a natureza**, brincar com areia e água. (p. 50)

Respeito às produções das crianças (p. 34) As produções infantis estão expostas nas salas de atividades e ambientes da instituição? (p. 47) Os espaços devem também proporcionar o registro e a divulgação dos projetos educativos desenvolvidos e das produções infantis. (p. 50)

Os espaços e equipamentos são acessíveis para acolher as crianças com deficiência, de acordo com o Decreto-Lei nº 5.296/2004. (p. 51)

Espaço organizado para a leitura, como biblioteca ou cantinho de leitura, equipado com estantes, livros, revistas e outros materiais acessíveis às crianças e em quantidade suficiente? (p. 51)

Salas com espelhos seguros e na altura das crianças para que possam brincar e observar a própria imagem diariamente. (p. 51)

Mobiliário deve ser planejado a **altura** da visão **das crianças**. (p. 50) **As janelas** ficam em uma altura que permita às crianças a visão do espaço externo? (p. 51)

Na prática de planejamento e avaliação, criam-se condições para que as crianças também possam manifestar suas opiniões? (p. 38) **As professoras e demais profissionais acolhem as propostas**, invenções e descobertas das crianças incorporando-as como parte da programação sempre que possível? (P.47)

Conforto e segurança (p.34, p.49, p.50)”.

Bezerra também identificou na Resolução nº 01/2009, do Conselho Municipal de Educação, o capítulo IV, que explicita como devem ser os espaços, equipamentos e instalações das Instituições de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, que devem assim ser projetados:

Art. 12. Os espaços serão projetados respeitando as necessidades e características para o atendimento de crianças de zero a seis anos.

Parágrafo único. Em se tratando de turma de Educação Infantil em instituições que ofertem outros níveis de ensino ou programas, devem-se assegurar espaços de uso exclusivo às crianças de zero a seis anos, podendo outros serem compartilhados com os demais níveis de ensino, desde que asseguradas condições de segurança e em conformidade com a proposta pedagógica.

Art. 13. Na construção, adaptação, reforma ou ampliação das edificações destinadas à Educação Infantil Pública e Privada, deverão ser garantidas as condições de localização, acessibilidade, segurança, salubridade e saneamento.

Parágrafo único. Os espaços internos deverão atender as diferentes funções da Instituição de Educação Infantil e conter uma estrutura básica que contemple:

I – espaço para recepção, administração e apoio;

II – sala para professores;

III – sala para coordenação pedagógica;

IV – salas para atividades das crianças, com boa ventilação e iluminação, e visão para o ambiente externo, com mobiliários e equipamentos adequados;

V – instalação e equipamentos para o preparo e oferta de alimentos, que atendam às exigências de saúde, higiene e segurança, nos casos de oferecimento de alimentação;

VI – instalações sanitárias suficientes e apropriadas para uso das crianças e dos adultos;

VII – o berçário, deverá ter espaço adequado para o sono e descanso das crianças, área livre para a movimentação, locais para a amamentação, higienização com balcão trocador, pia, chuveiro, e espaço específico para o banho de sol.

Parágrafo único. A área coberta mínima para as salas de atividades das crianças deverá ser de 1,30 m² por criança atendida.

Art. 15. As áreas ao ar livre devem possibilitar as atividades de expressão física, artísticas e de lazer, contemplando também áreas verdes (PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS, 2009, p. 3-4).

Podemos perceber então nestes documentos a preocupação com a qualidade dos espaços físicos das instituições que atendem as crianças de 0 a 5 anos. Ainda segundo Bezerra:

os documentos apresentados normatizam a configuração dos espaços físicos das instituições de Educação Infantil na perspectiva de garantir uma educação de qualidade, demonstrando deste modo o esforço, desde a promulgação da Constituição Federal, no sentido de legitimar a Educação Infantil no mesmo nível de importância dos demais níveis de ensino, conferindo-a como a primeira etapa da Educação Básica(2013, p.68).

Assim, os documentos oficiais que apresentam indicadores e critérios abordando a qualidade dos espaços físicos auxiliaram neste estudo sobre o espaço físico da instituição de educação infantil utilizado pelas crianças de aproximadamente um a dois anos, na instituição onde foi realizado o estágio curricular obrigatório.

Os grupos de crianças de um a dois anos, recém-saídas do berçário, parecem ser marcados pela dualidade independência e dependência, ao mesmo tempo em que as crianças têm uma maior autonomia em relação ao adulto para se movimentar ou para se alimentar, por exemplo, as relações de cuidado que pedem por momentos de atenção individual, como a

troca de fraldas continuam presentes e o fato de estarem experimentando intensamente o seu corpo e seus movimentos requerem uma especial atenção dos professores.

Anna Freud (1965 apud Goldschmied e Jackson, 2006, p.131) explica que:

nos primeiros dois anos de vida, a criança passa de uma situação de dependência quase total para uma de relativa independência, de quatro maneiras em termos gerais: por meio do movimento e da habilidade da manipulação, ao alimentar-se sozinha, no desenvolvimento da linguagem pré-verbal precoce até a fala propriamente dita, bem como no cuidado corporal que leva ao controle dos esfíncteres(p.131).

Assim, sendo um ano da vida das crianças que pode ser marcado por grandes experiências, aprendizagens e descobertas de si, do outro e do mundo, os espaços utilizados por elas precisam ser construídos e constituídos de forma a possibilitar e ampliar tais experiências, a favorecer o encontro com as outras crianças e com os adultos e a possibilitar o incentivo à curiosidade, a exploração, ao encantamento, a promover o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas e corporais, possibilitando a movimentação e a expressão, como indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2010, p.25-26).

Goldschmied e Jackson (2006, p.129) abordam que os estudos de creches normais e domiciliares sugerem que as crianças que têm entre um e dois anos recebem menos atenção planejada e são consideradas o grupo etário mais difícil, pois assim que aprendem a se mover rapidamente pelo ambiente, precisam ser constantemente vigiadas. Tal afirmativa nos remete a explicitação de Schmitt (2011, p.26) sobre o binômio atenção e liberdade com os bebês:

Falk (2004) explica que na educação de zero a três anos, o binômio atenção e liberdade é imprescindível. A propósito, a atenção individual precisa ocorrer, e sua qualidade depende também da confiança que os adultos depositam nas outras crianças e no espaço que organizam. Exige desse profissional não apenas o planejamento das ações em que estará presente, como também das situações em que estará distanciado.

Mas, que, no entanto, não se trata de vigiar ou controlar as crianças, trata-se de perceber as especificidades destes bebês e compreender o espaço como um elemento essencial para que o binômio atenção e liberdade possam acontecer com tranquilidade, não sob a ideia

de que as crianças estão sob controle no espaço, mas sim de que este está estruturado de forma a atender as suas necessidades e ampliar suas experiências e relações de forma segura mesmo quando o adulto não pode estar tão próximo.

Em sua dissertação, Schmitt questiona “*onde estão e o que fazem os bebês quando não estão sob a ação direta dos adultos profissionais? Como se relacionam os adultos com os bebês sob esse distanciamento*” (2011, p.122) e explica que tal distanciamento é rompido pela comunicação a distância entre crianças e adultos por meio da fala, do olhar, do choro, de balbúcio e expressões e pela forma como as profissionais organizam o espaço podendo proporcionar segurança e autonomia as crianças. Tal questionamento remete ao fato de que na docência, principalmente, com os bebês, os momentos de encontros e cuidados individuais acontecem a todo instante e, assim o espaço torna-se um elemento fundamental para possibilitar que estes encontros aconteçam com tranquilidade e que as outras crianças estejam bem, sentindo-se confortáveis e envolvidas em outras situações enquanto tais encontros acontecem.

Há que se pensar então em espaços que possam qualificar a educação oferecida as crianças pequenas nos espaços de educação coletivos, como a creche, há que se pensar em critérios que possam auxiliar a refletir sobre nossos espaços e a oportunizar espaços que ampliem as possibilidades de encontros, que enriqueçam a imaginação e ampliem as possibilidades de brincadeiras e vivências das crianças, proporcionando liberdade e autonomia a estas, garantindo sua segurança e, possibilitando a profissional tranquilidade para os momentos de encontros individuais com os bebês ou para estar com pequenos grupos.

Assim buscando compreender possíveis caminhos para que os espaços possam vir a ser constituídos para atender as diferentes necessidades, interesses e ações que se apresentam no espaço utilizado pelas crianças pequenas, partindo do que está posto nos documentos oficiais relacionados à qualidade do espaço na Educação Infantil, dos estudos de Schmitt e Bezerra que trazem e suscitam reflexões acerca do espaço nas instituições de educação infantil e das observações realizadas no estágio curricular obrigatório, alguns critérios parecem pertinentes para que se possa concretizar a organização de um espaço qualificado para bebês de um a dois anos.

No que se refere ao espaço interno da sala de referência das crianças faz-se necessário levar em consideração o acesso e a diversidade de elementos; a organização de espaços temáticos em zonas circunscritas desde o grupo dos bebês; o espaço próprio para descanso; para estar só e em pequenos grupos; o mobiliário; o uso do chão, mesas, paredes e teto e os próprios aspectos arquitetônicos da sala.

Em relação ao espaço externo a sala, destaca-se o contato com a natureza, a possibilidade de ver e ouvir o que acontece ao entorno da creche, a qualidade e diversidade dos brinquedos dispostos no parque e a necessidade de espaços livres que possam ser utilizados tanto nos dias de sol muito forte, como nos dias frios e chuvosos.

3. ESPAÇO DA CRECHE PARA OS BEBÊS: LUGAR PARA EXPLORAR, BRINCAR, IMAGINAR, CRIAR, INTERAGIR, ESTAR SÓ E ESTAR JUNTO

Durante o período do estágio curricular obrigatório, no G2, foi possível perceber nitidamente como as crianças desde bebês tem interesse em explorar todo o espaço a sua volta, precisam e querem lugares para estar sós ou em pequenos grupos, desejam privacidade ao mesmo tempo em que precisam sentir-se seguros e sentir a presença dos adultos responsáveis, procuram por cantinhos para se encontrar com o outro e para transformar em cenários de brincadeiras, buscando também elementos e estratégias para compor suas brincadeiras constantemente, ressignificando o seu espaço e, mostrando assim, que desde bebês há a necessidade de que seus espaços sejam pensados de forma a possibilitar que tenham espaços e elementos para ampliar suas brincadeiras e relações.

A análise aqui feita limita-se ao espaço interno da sala de referência do grupo e ao parque visto que devido ao fato de a instituição estar localizada em um edifício e contar com poucos e pequenos espaços de uso comum a saída dos bebês da sala para outros lugares além do parque, acontecia com pouquíssima frequência por causa da dificuldade das profissionais em auxiliar todas as crianças a subirem e descerem as escadas, por este mesmo motivo o G2 fazia as refeições na sua própria sala até o início do segundo semestre, no qual, geralmente, as crianças estão mais seguras para realizar estes movimentos.

Na creche abordada, o espaço da sala do G2 é bastante amplo, claro e ventilado, indo ao encontro do indicado pelo documento *Critérios para um Atendimento de qualidade na Educação Infantil* (2009) no que se refere ao direito a espaços amplos, a salas claras, limpas, ventiladas. Durante a tarde o sol refletia nas janelas da sala e, por vezes era possível se deparar com as crianças observando os reflexos do sol que passavam pelas frestas da cortina, a proximidade da creche com as casas vizinhas permitia que vez ou outra se ouvissem as vozes das pessoas, a música e os sons dos animais das casas ao entorno, também era possível vê-los quando se erguia as crianças até as janelas ou quando elas próprias arrastavam as cadeiras até a janela para tentar ver o que estava acontecendo lá fora, já que as janelas ficavam acima do seu campo de visualização.

Para as trocas e os momentos de higienização o grupo contava com um banheiro próprio, composto por um trocador e uma banheira sobre uma bancada de granito na altura do adulto, um espelho fixado no teto acima do trocador, uma prateleira com os pertences das crianças próxima ao trocador, com um vaso e as pias para as crianças, sendo que os dois últimos elementos referidos eram mais baixos em relação ao tamanho dos adultos para as crianças terem mais autonomia, porém neste grupo de bebês, algumas crianças continuavam a precisar de ajuda para alcançar, por exemplo, a pia e a toalha.

Diferentemente do que vemos em algumas instituições, o chão não era de piso cerâmico, o que torna o chão menos frio para as crianças e parece dar um aspecto mais acolhedor à sala.

Havia na sala uma zona circunscrita, dividida por uma pequena estante com prateleiras de ambos os lados, com alguns brinquedos em cima. Ao lado esquerdo da sala havia uma casinha com um escorregador, o tapete e a televisão e do outro lado deste mobiliário havia um canto com um tapete e um espelho na parede, com brinquedos de balançar e um de pular, dois carrinhos de mão e dois brinquedos na estante que estão na altura e acessíveis às crianças, possibilitando que elas os possam pegar sozinhas.

Em frente a este espaço do espelho, ficavam as mesas onde faziam as refeições e algumas atividades, nesta parede ficava um cabideiro na altura das crianças, com as mochilas, cada qual tinha o seu lugar e este era identificado pelo nome impresso fixado acima do cabideiro. Na parte inferior da sala, havia uma prateleira e dois armários, onde eram guardados os colchonetes, os pertences e materiais das professoras e as caixas de brinquedos. Em cima deste também havia diversos brinquedos divididos em caixas coloridas no alto, uma delas continha sucata. Na parede da porta de entrada da sala estavam localizadas uma pequena cômoda e uma prateleira, onde a professora guardava os materiais, alguns brinquedos e os objetos das crianças, como as chupetas e as garrafinhas de água.

Em seu estudo sobre a organização do espaço em instituições pré-escolares, Carvalho e Rubiano (2001, p.112) abordam que:

Um ambiente deve ser planejado, tanto em termos de espaço como de objetos disponíveis, para atender ambas as necessidades, de contato social e de privacidade. Variar o tamanho de áreas dentro de um mesmo espaço oferece oportunidades para

isolamento, atividades em pequenos grupos ou de todo o grupo, interações diádicas ou outras.

A presença das zonas circunscritas que se apresentavam na sala corroborava com os estudos de Legendre sobre os diferentes arranjos espaciais nas creches francesas. Carvalho e Rubiano (2001, p.118) explicam que Legendre identificou um tipo de arranjo espacial, denominado semi-aberto, que é caracterizado pela presença de zonas circunscritas, as quais “*são áreas espaciais claramente delimitadas pelo menos em três lados por barreiras formadas por mobiliário, parede, desnível do solo etc*” (CARVALHO E RUBIANO, 2001, p.118). Proporcionando as crianças à visualização de todo o espaço da sala e a localização do adulto ao mesmo tempo em que possibilita estar só ou em grupos menores para brincar.

3.1 BEBÊS QUEREM PRIVACIDADE

As crianças apontavam constantemente que queriam brincar, queriam elementos e espaços que pudessem enriquecer seus repertórios, todavia nem sempre pareciam querer brincar ou estarem próximas às outras crianças, viver muitas horas do dia em um espaço que é coletivo, pode ser cansativo também para elas.

Agostinho (2010, p.139) identificou em sua pesquisa sobre o espaço da creche que no dia-a-dia destas, era possível se deparar com alguma criança sozinha num canto, num lugazinho pequeno e de aspecto aconchegante, organizados por elas mesmas para estarem sozinhas ou acompanhadas de brinquedos, ou em algum cantinho que já estivesse organizado.

Ao vivenciar o cotidiano do grupo era possível perceber como os bebês buscavam por estes cantinhos, o espaço significado por eles para estar só ou brincar podia ser as frestas entre o armário e a parede, entre os colchonetes e o armário, dentro do rack ou a própria casinha com escorregador que havia na sala e era um local utilizado tanto como um lugar de refúgio, como um lugar de encontros e por vezes, disputas por este espaço.

Coutinho (2010, p.138) aponta que na educação infantil brasileira ter direito a momentos de privacidade e quietude é explicitado como um direito pelo documento “

Critérios para um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças” (1995) e, que :

embora não refira especificamente às situações de brincadeira – já que no critério relativo ao brincar só há menção a manutenção da organização das salas para que permitam as brincadeiras espontâneas e interativas, o que não inclui obrigatoriamente as brincadeiras solitárias- entendemos que o direito aos momentos de privacidade e quietude incluem o brincar, ainda que o fato de «estar só» não implique obrigatoriamente quietude (COUTINHO,2010, p.161).



Fotografia 1: Espaço dos colchonetes resignificado como um espaço para ter mais privacidade Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)



Fotografia 2: Yuri, Evelyn e Natalia deitadas nas caixas e Isabelle observando-os Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)



Fotografia 3 : Escorregador como um espaço de encontro e disputas

Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

Era possível perceber que buscavam por espaços mais reservados quando escolhiam um brinquedo e pareciam querer um momento para brincar só, para criar na intimidade destes cantinhos, suas próprias brincadeiras, como nas imagens abaixo, onde brincar sozinho nestes locais com alguns brinquedos foi uma escolha da própria criança.



Fotografia 4 e 5: Yuri brincando sozinho em lugares mais reservados

Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

Coutinho(2010, p.160) aborda, em seu estudo sobre as ações sociais dos bebês no contexto da creche, que: *“A brincadeira é, por princípio, uma experiência interativa, de troca, mas também pode ser uma experiência de fruição, desde que o espaço, o tempo e as*

demais pessoas que se encontram no mesmo lugar conjuguem esforços para que isso seja possível”.

Por fruição entende-se:

a possibilidade de tirar proveito de algo, gozar da sua posse, da sua contemplação e do seu uso. Assim, a fruição aparece como experiência, como a vivência da sua subjetividade, que permite elaborar e reelaborar a sua realidade. A fruição é constitutiva dos processos de criação, nos quais a intuição tem um papel fundamental e fundante, é o sujeito levado pela sua subjetividade, pelos seus sentimentosn(COUTINHO, 2010, p.160-161).

Tal consideração remete à importância de se considerar ambas as possibilidades, estar e brincar sozinho ou acompanhado, na organização dos espaços. Por vezes, ações aparentemente simples como afastar um móvel da parede e colocar um colchonete entre ele e a parede, formando um modelo de cabana, um cantinho podem se constituir como estratégias para possibilitar e facilitar que as crianças possam ter momentos de privacidade consigo mesma ou para se relacionar com algum colega sem a interferência direta do adulto e das outras crianças e sem os olhares voltados todos para elas, tendo sua intimidade preservada, para que possam experimentar estar sós dentro de um contexto que é marcado pelo coletivo, pelo encontro com muitas crianças e adultos.



Fotografia 6 e 7: Juntos, mas com mais privacidade
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

Coutinho (2010, p.160) explica também que:

A tendência, em espaços educativos do tipo creche, é julgar a experiência de estar sozinha como algo negativo para a criança, quase como um movimento de ostracismo. No entanto, desde que o brincar sozinho seja uma escolha da criança e não uma condição imposta pelo grupo, essa escolha deve ser respeitada, assim como as condições para que ela ocorra devem ser criadas pelos profissionais. Mais do que saber brincar com o outro, coloca-se, neste caso, a escolha entre querer ou não brincar com o outro, já que não se trata de uma competência sociocognitiva relacionada com o saber brincar, mas de uma competência social em que a escolha aparece como possibilidade latente.

Nas considerações acima, Coutinho além de indicar a necessidade do respeito a escolha feita pelos bebês em estar só ou acompanhado indica que é preciso que as condições para brincar sejam criadas pelos profissionais, retoma que aqui se encontra um dos papéis do professor de crianças pequenas, que é o de propiciar espaços onde tais experiências possam acontecer.

3.1.1 BEBÊS TAMBÉM QUEREM ESPAÇOS E MATERIAIS QUE POSSIBILITEM E AMPLIEM SUAS BRINCADEIRAS DE FAZ-DE-CONTA

Já no grupo dos bebês foi possível ver como as crianças demonstraram-se interessadas e absortas pela possibilidade de vivenciarem situações que permitissem experimentar a brincadeira de faz-de-conta em espaços elaborados, em zonas circunscritas compostas por elementos reais que tornem a brincadeira uma experiência ainda mais real e convidativa.

As Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Município de Florianópolis (2012,p.20) explicitam a necessidade de organização dos espaços como uma das ações das professoras na creche:

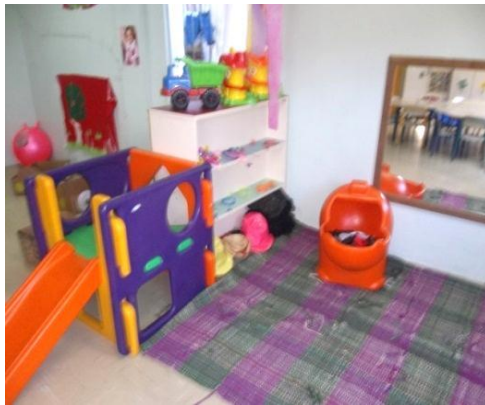
espaços e tempos para que os bebês brinquem entre si, dispondo diferentes tipos de brinquedos, não só os de encaixe e montar, mas também brinquedos utilizados em situações de faz-de-conta e do cotidiano, que provoquem diferentes formas de manipulá-los. Também prever tempos para os bebês brincarem com crianças de diferentes idades e com as profissionais.

No grupo dos bebês de um a dois anos, devido ao fato de as crianças estarem experimentando intensamente o seu corpo, estarem em constante movimento parece haver uma tendência em dispor os elementos das salas recostados a paredes para deixar o espaço central o mais livre possível para que as crianças possam se movimentar e para que os adultos possam estar atentos ao que todas elas estão fazendo simultaneamente.

Não se exclui a necessidade de espaços mais abertos, mais livres para inventar e de espaços para se movimentar, mas se coloca a importância de considerar que esta é *uma das* necessidades, *um dos* interesses dos bebês, não o único, os bebês também evidenciaram o desejo de brincar com elementos que ampliassem suas brincadeiras imaginativas, por exemplo, de boneca, de casinha e de arrumar o outro, procuravam por pedacos de papel e panos que pudessem servir como fralda, pediam por pentes e lacinhos para arrumar o cabelo, buscavam colheres e potes para alimentar umas as outras, enfim, procuravam e resignificavam os mais diferentes elementos, como na situação abaixo:

As profissionais ligam o DVD e enquanto fazem as trocas, algumas crianças brincam e outras assistem o DVD, estamos sentadas com alguns deles, quando olhamos para o rack da TV e vemos Evelyn e Isabelle embaixo deste, Evelyn está deitada e Isabelle está ajoelhada apertando em um parafuso como se dali saísse shampoo, esfrega o cabelo de Evelyn e depois parece estar jogando água, Evelyn sai do rack e Isabelle chama Raquel que está sentada no meu colo para entrar, Raquel não vai, então Isabelle vai até o parafuso, “pega o shampoo” e esfrega nos cabelos de Raquel, que não se importa e Isabelle acaba saindo de perto. (Registro de campo, 06-05-2013)

As situações presenciadas evidenciaram a importância de pensar em formas de promover e enriquecer as brincadeiras de crianças tão pequenas de forma segura, mas sem privá-las de viverem tais situações por considerar que ainda são muito pequenas para, por exemplo, interagir, elaborando e participando de brincadeiras de faz-de-conta.



Fotografias 8,9,10 e 11: cantos temáticos
Fonte: Caroline e Flávia (junho de 2013)

Enriquecer as possibilidades de brincar e interagir indicadas por elas pode significar estruturar os “cenários” onde estas brincadeiras acontecem, ampliar a diversidade dos materiais oferecidos a elas e facilitar o acesso a para que suas brincadeiras possam ser ainda mais ricas e elaboradas. Coutinho (2010) explica que é difícil identificar a origem das ações das crianças devido às muitas situações que elas observam em seu cotidiano, mas que *“o fato das crianças produzirem cultura na relação com os pares permite que as elaborações se complexifiquem à medida que cada ator vai incluindo elementos das suas experiências”* (COUTINHO, 2010, p.152). E, explicita que em relação às elaborações das crianças, um dado importante é:

a disponibilidade de elementos que conjugados permitem a elaboração de enredos por parte das crianças, o que se relaciona com as escolhas feitas pelas profissionais, pois os objetos, a sua disposição no espaço e a sua disponibilidade criam um contexto favorável para a criação, não constringendo de modo físico as suas ações. (COUTINHO, 2010, p.132).



Fotografias 12,13,14 e 15: Brincadeiras nos cantos temáticos
Fonte: Caroline e Flávia (junho de 2013)

Quando as crianças têm acesso a diferentes materiais para brincar, imaginar, ressignificar seus repertórios e suas possibilidades de brincar e relacionar-se com outros através da brincadeira se ampliam. Schmitt (2011,p.134) explica que a inserção dos elementos no espaço da creche, buscando ampliar as suas possibilidades comunicativas e expressivas são ações que dependem das profissionais, esclarece que:

São ações que dependem dos adultos, nesse contexto as profissionais, situando os bebês numa posição de dependência não apenas física, mas também cultural, ao oferecerem vivências que podem contribuir para sua constituição humana. Segundo Amorim e Rossetti-Ferreira (2004), os bebês dependem do outro não apenas na sua sobrevivência física, mas também para sua inserção na sociedade, na cultura e no grupo social (SCHIMITT,2011, p.134).

No que se refere a diversidade de materiais a serem proporcionados para os bebês na creche, o que se pôde perceber é que são em sua imensa maioria brinquedos feitos de plásticos e que se repetem, que em vez de favorecer o contato com diferentes tipos de materiais, limitam as experiências dos bebês a rigidez e a frieza do plástico, como no caso das bonecas, brancas e negras, que exceto com algumas exceções, eram inteiras feitas de plástico e borracha, duras, difíceis de cuidar como se fosse um bebê, como os próprios bebês tanto demonstravam querer fazer e que também não se aconchegavam ao colo devido a inflexibilidade do plástico e da borracha. Também no caso dos materiais ligados a brincadeiras com bonecas, o que se percebeu é que somente as bonecas disponibilizadas para a creche eram insuficientes para que as brincadeiras das crianças pudessem acontecer como elas desejavam e ansiavam, elas queriam panos para cobrir, roupinhas, mamadeiras, chupetas, fraldas e tantos outros acessórios utilizados pelos adultos no cuidado com elas e que ali na brincadeira de fazer de conta que estavam cuidando de um bebê faziam-se necessários, mas não eram disponibilizados.

Em muitos momentos, no decorrer do estágio, esbarrou-se nesta dificuldade, como ampliar e diversificar os espaços e as brincadeiras das crianças com a pouca variedade de materiais disponíveis para além dos brinquedos plásticos e repetitivos, que parecem dificultar a concretização de tais objetivos ou pela própria ausência de elementos feitos com outros materiais.

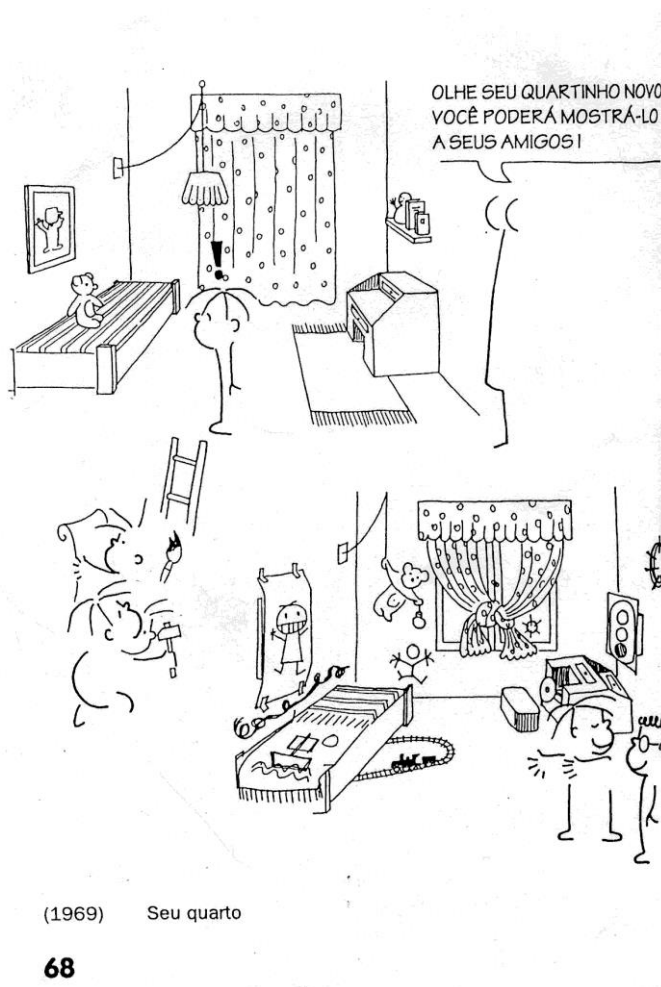
Havia de fato, muitos brinquedos na instituição, mas estes pareciam ser em sua maior parte de plástico. Sentia-se a necessidade de ter materiais que pudessem ampliar as experiências das crianças, ampliar seus repertórios, provocar novas sensações, novas curiosidades e enredos para brincar, que pudessem enfim, tornar suas brincadeiras e experiências ainda mais complexas e reais.

Também no que se refere aos materiais disponibilizados as crianças, percebia-se a ausência de livros que estivessem ao alcance das crianças, normalmente estes eram disponibilizados em momentos determinados para vê-los e eram sempre os mesmos, isto parecia acontecer devido ao fato de que os livros desmontavam-se ou rasgavam-se com facilidade se ficassem ao acesso constante das crianças, o que acontecia pois os bebês estão começando a aprender, a descobrir o que é isto e livros feitos com folhas de papel simples

rasgam-se com facilidade ao manuseá-lo, também quando estes não fazem parte constantemente do espaço parecem tornar-se um objeto ainda mais especial e que se torna alvo de disputas entre as crianças. Tais relações envolvendo o contato com os livros poderiam acontecer de outras formas se os livros disponibilizados para os bebês fossem feitos de materiais mais resistentes e fizessem parte constantemente do espaço utilizado por eles, não sendo um objeto mágico que “entra” e rapidamente “sae” da sala.

Interessa também destacar a necessidade dos materiais estarem ao alcance das crianças, quando acontece de haver algo de seu interesse onde suas mãos não conseguem alcançar, as crianças criam suas próprias alternativas para conseguir pegá-lo, o que remete a importância do olhar do adulto profissional da creche estar constantemente sensibilizado para poder perceber que os bebês estão indicando, pode acontecer do espaço parecer, aos olhos dos adultos estar organizado, mas a pergunta que precisa fazer parte do exercício docente em relação a organização de espaços, é “ para quem este espaço está organizado? Para os olhos adultizados ou para os olhos das crianças?”

A imagem seguinte de Tonucci (1997. p. 68) ao mostrar a organização de um quarto feita pela mãe de uma criança e depois a organização feita por ela, parece ilustrar bem esta questão de que a visão do adulto e das crianças em relação ao espaço utilizados por eles pode ser bastante diferente:



Cabendo portanto ao adulto profissional da creche, o desafio de contemplar na sua prática o que os bebês demonstram estar precisando, querendo, desejando em seu espaço e de que o que , muitas vezes, aparenta ser uma bagunça, uma desordem não o é para as crianças, disponibilizar diferentes materiais ao alcance das crianças, em muitos momentos, pode provocar uma aparente “bagunça”, “desordem” na sala, mas ao observar a diversidade de ações e relações que podem se estabelecer a partir do que é disponibilizado se pode perceber que não se trata de um espaço bagunçado, mas de um espaço que de fato é utilizado, explorado pelas crianças e que ao brincar, vão dando uma nova configuração ao espaço, vão através das brincadeiras e relações que vivenciam deixando suas marcas neste espaço.

Suscitando também, a reflexão de que é preciso um olhar atento constantemente sobre o sobre o que se está fazendo a todo momento no espaço, pois por vezes inculte-se na ação de

deixá-los fora do alcance das crianças, como na cena abaixo onde o espaço estava organizado com materiais e brinquedos na prateleira na altura dos bebês, mas alguns brinquedos acabaram permanecendo no alto e uma criança precisou buscar sua própria estratégia para alcançá-los.



Fotografia 16 : Tentando alcançar o brinquedo
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

Thiago (2006,p.60)relata que é preciso “*oferecer espaços com propostas diferenciadas, situações diversificadas, que ampliem as possibilidades de exploração e ‘pesquisa’ infantis*” e explica que as crianças ampliam suas possibilidades de exercitar a autonomia,a liberdade, a iniciativa,a livre escolha quando o espaço está adequadamente organizado, apontando que quando isto acontece é possível “*ficar mais livre para atendê-las individualmente, conforme suas necessidades, para observá-las e conhecê-las melhor*”(Thiago,2006,p.60), sendo também possível envolver-se com pequeno grupos de crianças, enquanto outras se envolvem com diferentes objetos e lugares na sala.



Fotografias 17,18,19 e 20: Autonomia e liberdade e encontros
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

A organização da sala em zonas circunscritas pode corroborar para enriquecer as brincadeiras e embora às vezes, possa vir a parecer que a circunscrição dos espaços na sala dificulte o atendimento e a visualização das crianças pelo espaço, tal organização se feita, por exemplo, com móveis, como estantes, prateleira e racks firmes, seguros e não muito altos acaba por facilitar, na medida em que as crianças dividem-se nos espaços conforme seus interesses e os adultos podem continuar a vê-las e elas a sentir a presença dos adultos, além de facilitar os encontros das profissionais com pequenos grupos, como nas imagens:



Fotografia 21 : Divisão dos espaços
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)



Fotografias 22 e 23 : Interagindo com pequenos grupos
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

As estantes dispostas na sala do G2 possibilitavam a divisão da sala em espaços divididos, na medida em que eram móveis não tão altos e firmes, nos quais se alguma criança se apoiasse ou pendurasse não correria perigo de cair com facilidade, já o rack da televisão, por exemplo, necessitava estar sempre encostado à parede, pois havia o perigo de virar caso alguma criança se apoiasse em sua parte traseira, mostrando a importância dos móveis que

compõe as salas serem também compreendidos como elementos possibilitadores ou dificultadores de tal organização, como é possível visualizar nas imagens seguintes:



Fotografia 24 e 25: Móveis como divisores ou não do espaço
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

3.1.2 – OUTROS ELEMENTOS QUE INFEREM NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO DA SALA

Também o chão, as paredes, mesas, portas e interiores de armários e o teto podem se constituir como elementos possibilitadores de novas experiências, fruições, interações, novos cenários para brincadeiras, ampliando o repertório cultural, de imaginação, de brincadeiras e as relações entre as crianças quando são lembrados também como elementos educativos, quando são enriquecidos com diferentes elementos e materiais que favorecem que tais ações e relações aconteçam.



Fotografia 26 e 27: Brincando nos cenários fixados no chão
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

Estes elementos do espaço também são carregados de significados e transmitem tais significados para as pessoas que ali convivem, exigindo que nos espaços utilizados pelas crianças exista uma constante análise de tudo o que compõe este espaço, sobre as ideias, valores e significado que estão sendo transmitidos por eles, mesmo que isto às vezes aconteça de forma muito sutil, como por exemplo, com, imagens de crianças estereotipadas pela mídia fixadas a parede. Como explicita o Núcleo de Ação Pedagógica Visual, da Prefeitura Municipal de Florianópolis, é preciso

[...] sempre buscar ampliar e complexificar os repertórios culturais das crianças, ou seja, dar a conhecer as crianças outras histórias, narrativas, imagens e experiências que fortaleçam a sua imaginação e as instiguem a criar novas imagens e não a reproduzirem aquelas pré-estabelecidas pelas grandes corporações voltadas ao público infantil(PMF, 2012, p.6).

Visando assim ampliar ainda mais os seus repertórios visuais e culturais.



Fotografia 28, 29 e 30: Teto, mesa e chão como possibilidades educativas
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

Outro aspecto que precisava sempre ser lembrado nos momentos em que se pensava sobre as disposições dos móveis e possíveis formações de cantinhos para as crianças era onde e como seriam organizados os colchonetes para o momento do sono, estes precisavam ser dispostos na sala de forma que deixassem um espaço livre para as crianças que não dormissem ou para as que fossem acordando pois a sala do G2 não dispunha de um local específico para o sono.

Na resolução nº 01/2009, do Conselho Municipal de Educação de Florianópolis, assim como no documento elaborado pelo MEC, Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil, de 2006, o espaço destinado ao repouso, contendo berços ou similares onde as crianças possam dormir com conforto e segurança aparece como indicativo para a constituição dos espaços destinados aos berçários de zero a um ano, mas não aparece como indicativo para os espaços dos demais grupos, o que se constitui como uma dificuldade

para as profissionais que precisam organizar o próprio espaço da sala para atender tal necessidade e precisam buscar um equilíbrio entre as próprias crianças, no que se refere a respeitar quem deseja dormir e quem não o quer fazer, como muitas vezes foi possível presenciar no decorrer do estágio, além de diminuir as possibilidades de organização do espaço, visto que era preciso deixar um espaço da sala mais livre para este momento.

3.2. ESPAÇO EXTERNO DA CRECHE: PARQUE

Situado no último andar do edifício da creche, o espaço do parque é pequeno, possui uma vista esplendorosa para o mar, dele também é possível ver uma grande área verde que contrasta com a presença de grandes edifícios ao seu entorno e com o aspecto mais simples das casas vizinhas a creche, dele também é possível acompanhar o movimento das ruas e das casas ao redor, já que as muretas de concreto são baixas e a proteção do espaço é feita por grades de telas que permitem também as crianças poderem visualizar e acompanhar o que se passa lá fora, enquanto estão no parque.

Não raro, era possível ouvir ou ver alguém passando na rua e apontando, chamando alguma criança que estava no parque ou o inverso, também devido a proximidade das construções podia se ouvir muitos barulhos das casas vizinhas e das próprias ruas também no parque, acontecia com frequência das crianças ouvirem algum barulho diferente e correrem ao redor das telas como que procurando de onde vinham tais barulhos, como nesta cena:

O ônibus sobe o morro, algumas crianças ouvem o barulho do motor e correm para a tela, o ônibus vai embora e elas saem. Mas o caminhão do lixo está se aproximando, elas ouvem e voltam para a tela, o caminhão estaciona do outro lado da rua e TODAS correm para o outro lado da tela, deixando o parque completamente vazio e silencioso e lá permanecem, observando o lixo ser jogado no caminhão e triturado, a professora então lhes diz que estão juntando o lixo para a nossa cidade ficar bem limpinha (Registro de campo, 29-04-2013).



Fotografia 31: Crianças observando o caminhão do lixo
Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

O parque é composto por uma casa de bonecas, um escorregador, tatames, um trem de madeira, um castelo, uma grande tartaruga de plástico na qual as profissionais disseram já terem colocado água e areia, em uma tentativa de aproximar as crianças da natureza, um banco e dois vasos de plantas cuidadas pelas crianças e profissionais.

Devido ao fato de estar localizado em uma laje e a creche ter dificuldades em obter recursos financeiros para qualificar este espaço, o chão é de piso cerâmico, não possibilitando que as crianças tenham contato com areia, água, árvores e outros elementos naturais no espaço da creche, também não há sombras, nem cobertura neste espaço o que impossibilita a sua utilização nos dias muito ensolarados e nos dias muito frios ou de muito vento, pois no alto do morro é ainda mais frio e, como o espaço físico de uso comum da creche também é limitado às crianças acabam ficando restritas as salas de referência.

A necessidade e o desejo de estar em contato com a natureza era perceptível nas crianças, frequentemente enquanto estavam no parque, as crianças do G2 buscavam e disputavam o único lugar onde havia terra e folhas no parque, dois vasos de plantas grandes situados um de cada lado do parque, em uma tentativa das profissionais em possibilitar as crianças algum tipo de contato com a natureza.

Em torno destes vasos havia um problema manifestado pelas crianças do grupo maiores e que era motivo de reclamações de alguns destes, as crianças do G2 desejavam o contato com a terra e as folhas, queriam pegar, sentir, amassar, experimentar estes elementos, no entanto as crianças maiores haviam também plantado algumas sementes nestes vasos e quando os bebês mexiam na terra, as sementes eram descobertas e se perdiam, tal situação demonstrava duas necessidades e desejos diferentes das crianças ambos importantes e difíceis de serem possibilitados dentro de uma estrutura em que o com a natureza praticamente inexistia devido aos limites impostos pela própria construção.



Fotografia 31: Ao fundo, um dos vasos nos quais as crianças experimentavam mexer na terra

Fonte: Caroline, Flávia e Márcia (junho de 2013)

Os documentos oficiais que versam sobre qualidade na educação infantil como “Critérios de Qualidade para o Atendimento na Educação Infantil” (2006) afirma que nossas crianças têm direito ao contato com a natureza, a ter plantas e canteiros disponíveis, direito ao sol, a brincar com água, areia, pedrinhas, gravetos e outros elementos da natureza, têm direito a espaços externos que permitam brincadeiras, podem desde bem pequenas brincar e explorar espaços externos ao ar livre e sempre que possível podem passear ao ar livre.

Reafirmando este critério para qualidade na educação infantil também o documento “Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2009) aponta o contato com a natureza, a possibilidade de as crianças se relacionarem com o ambiente natural e o acesso a espaços externos bem cuidados como jardim como alguns dos aspectos reveladores de qualidade na educação infantil, todavia o que se constata é que não são todas as instituições que dispõe de espaços adequados para que tais direitos sejam garantidos, certamente as profissionais das creches podem e parecem buscar por caminhos alternativos para que as crianças tenham um mínimo de contato com a natureza, mas esbarram em limitações que são próprias da estrutura e que escapam as suas mãos.

Para Abramowicz & Wajskop (1995 apud Agostinho 2003, p.102)os espaços externos devem:

propiciar e acolher as necessidades de fabulação e de imaginação das crianças; permitir a livre expressão e exploração de todo o repertório simbólico-corporal das crianças; propiciar a experiência sensorial e a diversidade de emoções nas crianças, através da oferta de instalações e objetos com cores, sons, luminosidade e textura diversos; utilizar os mais variados materiais de forma a que tenham também elementos móveis que possam ser manipulados e modificados por crianças e adultos; os espaços externos são também território de uso e transmissão de jogos e de brincadeiras e espaços para plantio e cultivo de algumas hortaliças.

No entanto, o que se percebe é que nem toda a instituição dispõe de condições estruturais e recursos que permitam atender tais necessidades, na creche referida as crianças tinham seu acesso aos elementos da natureza extremamente limitado e contavam com poucos brinquedos, entre estes não havia balanços, nem tantos outros brinquedos que costumam ser adorados pelas crianças no parque, as profissionais costumavam separar brinquedos da sala para levar ao parque e mudavam com frequência a disposição dos brinquedos do parque, em uma tentativa de proporcionar novas experiências e desafios às crianças, como neste dia em que:

No parque, que hoje era coletivo, a professora arrasta um banco e chama as crianças para brincarem de passar na ponte, as crianças correm para o banco e divertem-se caminhando pelo banco e pulando para o chão com o auxílio da professora, vemos

que muitas crianças foram para o banco e vamos para lá também, as crianças pulam e normalmente, querem pular de novo, assim dizemos a elas que voltem para a fila, algumas, tentam “furar” a fila e são imediatamente repreendidos pelas próprias crianças, através de choros, palavras difíceis de serem identificadas e, às vezes, até com um empurrão (Registro de campo, 20-05-2013).

Neste registro aparece outra questão que também limitava as vivências das crianças no parque, devido ao pouco espaço físico do parque, era preciso realizar um rodízio de grupos que utilizariam o parque a cada dia, assim, às vezes acontecia de algum grupo não ir para o parque em um determinado período do dia.

Por outro lado tal limitação de espaço também favorecia e tornava mais frequente o encontro das crianças de diferentes grupos, de irmão e primos no parque, o documento “Critérios para um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças”, do Ministério de Educação e Cultura, apresenta como um de seus critérios, quando fala do direito das crianças de expressarem os seus sentimentos, o direito de sempre que quiserem procurar e ficar perto de seus irmãozinhos que também estão na creche.

Lembrando-nos da importância de possibilitarmos o encontro entre as diferentes idades, tanto para promover o encontro entre irmãos, por exemplo, que por vezes podem vir a passar o dia todo juntos na creche, mas simultaneamente separados, sem encontrarem-se, quanto para possibilitar que as crianças que tem pouco convívio com crianças fora da instituição possam se aproximar e interagir com crianças maiores ou menores que ela. Já que, a interação entre as diferentes faixas etárias favorece a construção do conhecimento, o compartilhamento e a perpetuação das brincadeiras que fazem parte da cultura das crianças e o crescimento destas como sujeitos, ensinando-as a cuidar e a respeitar as possibilidades do outro, especialmente com os menores. Estar com os mais novos pode vir a ser um momento para experimentarem ocupar, de forma muito forte, um lugar de empatia e responsividade para com o outro, maior do que o que eles ocupam quando interagem com os seus coetâneos, já que eles sentem-se responsáveis pelos pequenos, querem cuidar, proteger, dar carinho, algumas vezes até aborrecendo os menores, quando estes desejam liberdade para movimentar-se e brincar.

Todavia, o que também se percebia é que como o espaço do parque era pequeno e limitado, quando aconteciam encontros entre os grupos dos maiores e do G2 o parque ficava bastante lotado e movimentado, algumas crianças do G2 pareciam sentir-se pouco confortáveis com a agitação e com os maiores querendo pegá-las, preferiam ficar sentadas no banco ou choravam e pediam por colo, estranhando toda aquela movimentação, algumas crianças também estavam começando a firmar o caminhar, o que poderia colaborar para sentir-se menos seguros em meio aos maiores e por ser também o primeiro ano em que começam a brincar efetivamente no parque, devido às dificuldades das professoras do G1 em levar os bebês até o parque.

Lembrando-nos da importância destes momentos serem planejados e remetendo a questão do próprio espaço físico, que por ser pequeno, com poucas opções de brinquedos e sem contato com elementos da natureza como grama e areia, colaborava para que as crianças ficassem aglomeradas, correndo ou precisassem buscar estratégias como alcançar uma torneira que havia no alto para pegar água ou retirar a terra dos vasos de plantas para brincar.

O que se percebe, assim, é que as crianças indicavam constantemente que não se tratava apenas de ter um espaço mais livre para brincar, elas desejavam e ansiavam por um espaço onde encontrassem elementos que pudessem ampliar suas experiências, experimentar seus sentidos, encontrar com o outro, ampliar e estabelecer novas relações, mas também experimentar tudo isso na sua própria quietude, quando assim sentissem necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada teve como principal objetivo compreender como pode ser constituído e organizado o espaço destinado aos bebês de um a dois anos nas Instituições de Educação Infantil, a fim de se pensar nas possibilidades para oferecer um espaço que atenda tanto as necessidades de cuidados físicos específicas dos bebês, garantindo a sua segurança como a ampliação e diversificação das experiências deles no contexto da creche.

Para compreender como tais organizações podem concretizar-se, utilizaram-se os materiais fotográficos e escritos elaborados durante o estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Santa Catarina, em uma creche pública do município de Florianópolis, com o grupo G2, constituído por 15 crianças de aproximadamente um ano e meio.

Optou-se por estudar os espaços utilizados por este grupo de bebês por considerar que existem neste grupo especificidades que precisam ser levadas em consideração e contempladas quando se pensa na organização dos espaços onde passam grande parte dos seus dias e que isto parece se constituir como uma difícil tarefa, um desafio para as professoras devido ao fato de que precisam buscar um equilíbrio entre proporcionar espaços que sejam seguros para estes bebês que estão explorando intensamente todo o seu corpo, mas que não limitem e impeçam suas experiências em virtude de tal proteção. Assim este estudo foi guiado pela seguinte problemática: Quais as possibilidades educativas para a constituição e organização dos espaços utilizados pelos bebês na creche?

Para buscar compreender e refletir sobre tal problemática, tomou-se como aporte o estudo de Bezerra (2013) que confronta os critérios de qualidade dos espaços para a educação infantil apresentados nos documentos oficiais e na produção científica recente, com as indicações que as crianças apresentam na sua ocupação, ação e relações e o estudo de Schmitt (2011) que aborda as interações entre os bebês no contexto da creche e traz a discussão sobre o espaço como um elemento educativo de extrema importância na docência com os bebês, visto que os momentos de cuidado, de atenção individual ocupam grande parte do dia-a-dia com os bebês na creche e torna-se necessário o planejamento destes momentos e dos espaços onde os bebês estão enquanto isto acontece.

Ao estudar estas pesquisas e analisar as fotografias do estágio, chegou-se a consideração de que era possível identificar alguns critérios que podem auxiliar na constituição dos espaços utilizados pelos bebês, principalmente no que se refere à sala de referência destes, considerou-se então, que na organização deste espaço faz-se necessário levar em consideração o acesso e a diversidade de elementos; a organização de espaços temáticos em zonas circunscritas desde o grupo dos bebês; o espaço próprio para descanso; para estar só e em pequenos grupos; o mobiliário; o uso do chão, mesas, paredes e teto e os próprios aspectos arquitetônicos da sala. E no caso, do espaço externo a sala, principalmente a importância do contato com a natureza.

Realizar esta pesquisa a partir das experiências vividas no estágio e dos materiais produzidos durante a sua realização isso, constituiu-se como uma tarefa bastante desafiadora e complexa, mas também como uma experiência muito rica e gratificante. Era preciso, neste momento, separar o olhar de estagiária do olhar da pesquisadora, o que foi bastante complexo pois estes dois olhares misturavam-se com facilidade, sendo preciso um constante exercício de distanciamento entre a estagiária e a pesquisadora. Todavia, uma pesquisa a partir dos materiais produzidos pela própria pesquisadora, constituiu-se como uma experiência de grandes aprendizados, como uma possibilidade para retomar estes materiais e, agora, depois de um tempo passado do estágio, poder perceber e analisar aquilo que no trabalho anterior sobre o estágio não foi possível de ser contemplado, mas que havia fortalecido as inquietações a respeito das possibilidades educativas para o espaço dos bebês na creche.

A concretização de espaços qualificados para os bebês nas instituições de educação infantil dependem, certamente, também das ações e considerações das profissionais responsáveis por aquele grupo e aquele espaço, todavia, o que se pode constatar e se faz necessário enfatizar aqui é que existem fatores que colaboram para garantir que nossas crianças vivenciem sua infância em espaços coletivos de educação qualificados, preparados para recebê-las em suas singularidades, que são estruturais, arquitetônicos, políticos e financeiros que podem vir a dificultar e limitar tanto a organização do espaço pelos professores quanto à autonomia e as experiências vividas pelas crianças na creche.

Considera-se que na educação infantil, a criança é o centro da ação educativa e que, assim o planejamento e as proposições realizadas para elas precisam ser feitas a partir de uma

atenta escuta e observação de tudo o que elas nos demonstram de maneira tão sutil, essas “ferramentas” da prática docente indicam os caminhos e propostas que devem ser realizados para a concretização de uma educação qualificada para as crianças, mas se esbarra na dificuldade em conseguir todos os recursos e materiais necessários para contemplar tais indicações. Consta-se, por exemplo, a partir dos indicativos dados pelos próprios bebês durante a realização do estágio, a necessidade de ampliar e diversificar as possibilidades de brincarem de boneca, mas como contemplar este indicativo quando não se dispõe de outros materiais e acessórios para além das bonecas feitas todas de plástico e de borracha e que pouco se aconchegam ao colo?

Como contemplar o desejo e necessidade dos bebês de estarem em contato com a natureza, de terem acesso a espaços mais abertos e com diferentes opções para brincar quando o parque da instituição localiza-se em uma laje e a instituição não dispõe de recursos financeiros para qualificá-lo, embora já tenha pronto um projeto que busca qualificar este espaço utilizado pelas crianças? E será que para contemplar os indicativos oferecidos pelos próprios bebês para concretização de um espaço de qualificado uma reforma bastaria?

Levantou-se aqui a necessidade de se pensar em possibilidades para a constituição de espaços que desafiem, instiguem, acolham os indicativos oferecidos pelas crianças sobre como desejam este espaço, promovendo e ampliando os encontros e as relações entre as crianças e entre estas e os adultos, respeitando e possibilitando que tenham espaços para estarem sozinhos ou com seus coetâneos com privacidade e quietude e, simultaneamente garantindo a segurança e possibilitando que as profissionais possam realizar os momentos de encontros com pequenos grupos e individuais como a troca, com mais qualidade e tranquilidade.

Todavia, percebe-se, que há ainda muito que ser feito na busca pela concretização de um espaço que respeite e garanta todos os direitos das crianças, que garanta que o tempo vivido por esses bebês em nossas creches, seja um tempo de ricas experiências, encontros e aprendizagens, especialmente no caso dos bebês que durante muito tempo, ficaram, de certa forma, “invisíveis” neste contexto e de forma ainda mais especial aos bebês do G2, que parecem carecer ainda mais de estudos sobre o seu lugar nas instituições de educação infantil e da prática educativa relacionada a eles.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. **O espaço da creche: que lugar é este?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BEZERRA, Maurícia Santos de Holanda. **O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a constituição do lugar da criança como indicador de qualidade.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Critérios para um atendimento em creches e pré-escolas que respeite os direitos das crianças.** Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2º edição, 2009a.

_____. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil.** Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2009.

CARVALHO, Mara Ignez Campos de; RUBIANO. Márcia R. Bonagamba. **Organização do espaço em instituições pré-escolares.** In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (org.). **Educação infantil: muitos olhares.** 5º ed. – São Paulo: Cortez. p.107-130, 2001.

COUTINHO, Ângela Coutinho Scalabrin. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche.** Tese — Doutorado em Estudos da Criança, Área Sociologia da Infância. Braga: Universidade do Minho, 2010.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. **Resolução Conselho Municipal de Educação nº 01/2009** – Florianópolis, 2009.

_____. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Educação Infantil. **Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil.** Florianópolis: Prelo Gráfica& Editora, 2010.

FONSECA, João José Saraiva Da. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002, apostila.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel. A. **Qualidade em Educação Infantil.** Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.229-281

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.** In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997, p.9 -26.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A Pedagogia e a Educação Infantil**. IN: Revista Iberoamericana de Educación, n° 022. Madri, 1999 p.61-74.

ROCHA, Eloisa AciresCandal. **Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil**. Florianópolis,2008.

ROCHA, Eloísa AciresCandal; OSTETTO, Luciana Esmeralda. **O estágio na formação universitária de professores de Educação Infantil**. In: SEARA, Izabel Christine ET al. (Orgs.). Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008, p. 103-116.

SCHMITT, Rosinete V. **O encontro com bebês e entre bebês: uma análise do entrelaçamento das relações**. In: ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia. Educação Infantil: Enfoques em diálogo. Campinas, SP: Papirus, 2011. p. 17-33.

SCHMITT, Rosinete V. **Mas eu não falo a língua deles!** As relações sociais de bebês em creche. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

THIAGO, Lilian Pacheco S. **Espaço que dê espaço**. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, 2006, p.51-62.

TONUCCI, Francesco. Seu quarto - **Com olhos de criança**. Porto alegre: Artes Médicas, 1997. p. 68.

